

vida só na cadela Flossie, que a tudo assistira de focinho entre as patas. Mellors sentou-se na erva seca e calmamente tomou a mão de Constance.

Acabamos juntos desta vez, disse-lhe.

Ela nada respondeu.

— É bom quando acontece isso. A maior parte das criaturas passam a vida sem o conseguir, murmurou ele, como falando em sonho.

— Verdade? Sente-se feliz?

Mellors voltou para ela os olhos.

— Feliz sim, mas cale-se.

Não queria falar. Inclinou-se sobre Constance e beijou-a — e ela teve a sensação de que ele iria beijá-la sempre assim.

— É raro isso de acabar juntos? perguntou com ingênua curiosidade.

— Raro, sim. Daí o ar duro e seco das pessoas.

Ele falava a contragosto, como que lamentando ter começado.

— Já tem gozado assim com outras mulheres?

Mellors olhou-a com ar divertido.

— Não sei, não sei.

Constance compreendeu que ele não diria nunca o que não desejasse dizer. Olhou-a no rosto, e a paixão estremeceu em suas entranhas. Havia resistido o mais possível porque dar-se daquele modo era perder o domínio de si mesma.

Mellors envergou o casaco e abriu caminho através dos pinheiros, até a trilha. Os últimos raios do sol esfolheavam as árvores.

— Não vou acompanhá-la, disse ele. É melhor.

Constance olhou-o ardentemente, antes que ele se fosse. Não tinha mais nada a dizer.

Lady Chatterley seguiu caminho pensando no que levava dentro de si. Um outro "eu" vivia nela, fundido, ardente e doce em suas entranhas — e isso a impelia a adorar o amante. Adoração que lhe fazia os joelhos dobrarem-se durante a caminhada. Em seu útero e em suas entranhas ardia a vida. Um filho! disse ela. Sinto um filho dentro de mim! Suas entranhas, que sempre se conservaram fechadas,

tinham-se aberto para receber uma vida nova — um fardo, sim, mas adorável.

— Se tivesse um filho! pensava ela. Se o prendesse dentro de mim sob a forma dum filho! E seus membros se fundiam a esse pensamento, fazendo-a compreender a enorme diferença que há entre ter um filho marital e ter um filho do homem adorado pelas suas entranhas. A idéia de ter um filho dum homem adorado em suas entranhas parecia transformá-la, torná-la diferente do que sempre fora, fazê-la alcançar o centro mais profundo da sua feminilidade.

A paixão não lhe era coisa nova — novidade era essa ávida adoração que Constance sempre temera, sabendo que seria o fim da sua força. E a temia ainda. Temia que, adorando demais, se perdesse a si mesma, e se tornasse escrava. Era forçoso que não se escravizasse. Mas, embora temendo essa adoração, não queria combatê-la. Era-lhe possível combatê-la, pois tinha consigo um demônio capaz de destruir a adoração das suas entranhas e esmagá-la. E julgava que ainda era tempo de apoderar-se da sua paixão e dirigi-la ao sabor da vontade.

Ah, sim, ser apaixonada como uma bacante a fugir através dos bosques em procura de Iaco, o brilhante falo sem personalidade, mas que é o deus servidor da mulher! Era preciso impedir a intrusão do homem, do indivíduo. Que ficasse o homem apenas como o acólito, como o portador e o guardião do brilhante falo que a ela pertencia.

Assim, no fluxo de seu novo nascimento, a velha paixão ardeu por algum tempo em Constance, e os homens se reduziram a algo desprezível, simples portadores de falos, que seriam feitos em pedaços depois de cumprida a sua missão. Sentia em seu corpo a força da bacante, da mulher ardente e lépida que derruba o macho; mas ao percebê-lo, também sentia dor no coração. Não desejava isso, essa coisa sem mistério, desnuda, estéril, o seu tesouro era adoração, a insondável, a profunda, a desconhecida adoração. Não, não; ela renunciaria ao seu áspero poder feminino, que a fatigava e endurecia; e mergulharia no novo banho de vida, mergulharia nas profundezas das suas entranhas, que cantavam o cântico sem voz da adoração. Era cedo ainda para começar a temer o homem.